

PERFIL DE FORMAÇÃO ACADÊMICA DE PESQUISADORES DE UNIVERSIDADES PRIVADAS: RELAÇÕES ENTRE PRODUTIVIDADE E DIVERSIDADE TEMÁTICA E GEOGRÁFICA

Solange Maria dos Santos

Doutora em Ciência da Informação

Universidade de São Paulo (USP)

Programa SciELO

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb)

E-mail: solange.santos@scielo.org

Rogério Mugnaini

Doutor em Ciência da Informação

Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: mugnaini@usp.br

Jesús Pascual Mena-Chalco

Pós-doutor em Ciências da Computação

Universidade de São Paulo (USP)

Docente na Universidade Federal do ABC (UFABC)

E-mail: jesus.mena@ufabc.edu.br

INTRODUÇÃO

Um sistema educacional bem-sucedido é uma grande vantagem para qualquer sociedade. Pesquisadores como Durham (2003), Diniz e Georgen (2019) destacam que desde sua origem, há mais de um século, o ensino superior no Brasil tem forte vinculação com o setor privado. Os dados do último censo da educação superior mostram que o sistema de ensino do país reúne um total de 2.537 Instituições de Ensino Superior (IES), das quais 299 são públicas e 2.238 (88,2%) são privadas, sendo as últimas responsáveis por 75,4% (6.373.274) do total de matrículas de graduação. (INEP, 2019) Desse modo, o Brasil tem um sistema de ensino superior caracterizado por um setor público relativamente pequeno, centrado em universidades intensivas em pesquisa, e um gigantesco setor privado, que se destaca tanto pela quantidade de instituições quanto pelo número de matrículas e que vem crescendo continuamente desde meados da década de 1970. (SAMPAIO, 2011; SGUISSARDI, 2015)

A partir dos anos 1990 o governo federal ofereceu incentivos fiscais atraentes para o setor privado e as leis foram alteradas para permitir a criação de instituições com fins

lucrativos. Essa situação favoreceu o crescimento das instituições privadas e, como destaca Sampaio (2011), o relativo equilíbrio que caracterizava a relação público e privado na educação superior no Brasil, em termos de número de instituições e de matrículas, foi rompido em decorrência da natureza da expansão do sistema. (SAMPAIO, 2011) Hoje o setor de educação privada brasileiro, é um dos maiores do mundo, dominado por mega estabelecimentos de capital aberto, que operam com o apoio de fundos de investimentos nacionais e internacionais e que são atualmente um dos segmentos mais lucrativos da bolsa de valores brasileira vgt56. (ARAÚJO FILHO, 2018)

Enquanto o setor privado responde por mais 75% de todas as matrículas na graduação, ao olhar para os programas de pós-graduação, a situação é completamente inversa por conta dos custos envolvidos e salários dos docentes. Neste nível educacional, a participação do setor privado atinge apenas 19% das matrículas. De fato, o sistema de pós-graduação brasileiro é essencialmente público. Além disso, enquanto no setor público 64,3% do pessoal acadêmico tem doutorado e 25,5% mestrado, no setor privado esses percentuais são de 25,9% e 50,1%, respectivamente. Em termos de regime de contratação, estima-se que no setor público 86,3% dos acadêmicos sejam contratados em tempo integral, enquanto no setor privado o percentual é 27,5%. (ARAÚJO FILHO, 2018; INEP, 2019)

Diante desse cenário marcado por um setor privado com limitada participação na formação em nível de pós-graduação e um corpo docente constituído majoritariamente por mestres, o presente artigo tem como objetivo analisar o nível de produtividade dos doutores do corpo docente permanente dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) das universidades privadas. Para tanto, considerou-se o número médio de publicações por docente, segundo seus diferentes perfis de formação, assim como a área de conhecimento e a Unidade da Federação (UF) do PPG.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para analisar a formação dos docentes associados a universidades privadas foram examinamos os relatórios acadêmicos de 2017 de toda a pós-graduação disponibilizados na Plataforma Sucupira/CAPEs em 2019 para todas as UFs. Dos 4.345 programas de pós-graduação avaliados em 2017, foram identificados 569 como sendo de vínculo ou capital privado. O conjunto de docentes está composto por 8.688 doutores tendo os vínculos de atuação como professor permanente, colaborador ou visitante. Como alguns docentes estão associados a mais de um programa de pós-graduação, ao todo, foram identificados 7.330 docentes de forma única.

Em janeiro de 2020 foram coletados todos os CVs, em formato XML, registrados pelos docentes na Plataforma Lattes. Foram tabuladas na forma de planilha todas as informações relacionadas à formação profissional – incluindo o ano de conclusão de cada formação –, localidade de trabalho, área e grande área do conhecimento, total de publi-

cações – eventos, periódicos, livros e capítulo de livros – e de orientações concluídas, país de nascimento, assim como endereço profissional.

Foram categorizadas exclusivamente todas as formações nos níveis de mestrado e doutorado, como sendo uma (ou variações) das seguintes formas: pública, privada, ou estrangeira. As formações profissionais (ou estágios) sobre especialização, graduação e pós-doutorado, não foram consideradas neste recorte de dados.

E para caracterização do perfil de formação dos docentes credenciados em universidades privadas foi considerado o tipo de instituição onde o mesmo realizou mestrado e doutorado, sem diferenciação de ordem, ou seja, se mestrado ocorreu numa pública e doutorado numa estrangeira, ou o contrário, identificou-se a dupla “estrangeira-pública” em ambos os casos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As linhas de totais da Tabela 1 apresentam a distribuição da frequência de docentes segundo o perfil de formação. Pode-se perceber que a maioria (3.454, ou 54,7%) realizou mestrado e doutorado em universidades públicas. Esse resultado é esperado, uma vez que a pós-graduação se originou e por um longo período se limitou às públicas. Além disso, nota-se que, junto aos dois outros perfis estritamente nacionais (“privada” e “pública-privada”, que somam 31,5%), são os mais numerosos, os que apresentam maior percentual de professores nascidos no Brasil (cerca de 98%), contudo a menor média de produção científica. O percentual de docentes nascidos para o total de docentes é de 96%.

Tabela 1 - Média do número total de publicações por docente, segundo perfil de formação e área do conhecimento, e número total de docentes

Perfil de formação	Estrangeira			Pública		Privada	Total	Número de docentes
	Privada	Pública	Estrangeira	Privada	Pública	Privada		
Grande Área	Média do número total de publicações							
CIÊNCIAS AGRÁRIAS	164,0	85,3	82,3	112,5	67,7	171,5	71,5	281
CIÊNCIAS DA SAÚDE	128,9	105,6	161,2	93,3	90,9	85,2	92,9	800
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	103,0	121,8	62,8	97,1	89,6	101,0	92,2	152
CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA	110,8	129,0	103,6	106,3	95,2	81,4	101,7	223
ENGENHARIAS	202,4	158,2	164,8	120,9	120,8	96,0	129,8	589
MULTIDISCIPLINAR	114,3	108,0	90,9	88,3	87,5	96,1	90,2	1.258
CIÊNCIAS HUMANAS	110,6	76,1	96,2	96,7	88,7	92,4	92,4	1.112
CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS	88,7	110,9	133,3	97,9	111,0	95,9	104,8	1.618
LINGÜÍSTICA, LETRAS E ARTES	141,1	82,5	97,0	77,4	74,8	84,0	81,6	277
Média (total de publicações)	124,4	114,3	114,0	95,6	94,7	93,3	97,6	
Total de Docentes	232	372	264	818	3.454	1.170		6.310

Legenda: escala de verde nas células considera tom mais escuro para as menores médias de publicação.

Fonte: elaborado pelos autores.

Quando se consideram os perfis com formação em universidades estrangeiras – que somam os restantes 13,8% dos docentes –, notam-se as seguintes características: dentre os docentes formados integralmente no exterior, identificou-se um terço nascido no exterior; já o perfil de formação “estrangeira-privada” é o que apresenta maior média de publicações; e o perfil “estrangeira-pública” é o que apresenta o maior número de professores (cerca de 6% do total).

Ao se observar a distribuição dos perfis nas diferentes áreas pode-se notar o volume significativo de docentes nas Ciências Humanas, Multidisciplinar e Sociais Aplicadas (respondendo por 63,2%). Uma possível explicação para o alto número de docentes nessas áreas pode estar relacionada às elevadas taxas de crescimento do número de PPGs nessas áreas nos últimos anos. A título de exemplo, a área Multidisciplinar, no período compreendido entre 1996 a 2014, apresentou crescimento excepcional (1.550%) do número de programas de mestrado e, no caso do doutorado, o número de programas que representava apenas 1,7% do total no ano de 1996 chegou a 9,9% no ano de 2014, ganhando 8,1 pontos percentuais de participação relativa. (CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICO, 2016) No mesmo estudo, consta que PPGs de universidades privadas correspondem a 35,7% em relação ao total do país, e esses programas particulares tinham uma forte participação na grande área de Ciências Sociais Aplicadas com 35,7%, seguido pelas Ciências Humanas 23,0% e Multidisciplinar (18,1%).

Numa posição intermediária vêm Saúde e Engenharias, somando 22%; e as demais áreas correspondem aos 14,8% restantes. Vale mencionar que Agrárias, Biológicas e Exatas são as menos representadas em universidades privadas, segundo o estudo do Centro de Gestão e Estudos Estratégico (2016). Por outro lado, ao se analisar a média de produção de cada área, em termos gerais, a área que mais se destaca é Engenharias, seguida de Sociais Aplicadas e Exatas e da Terra. Além disso, é nas Exatas e da Terra que se observa o maior percentual de docentes estrangeiros (8,5%, dados não apresentados).

Por outra perspectiva, a análise da média de publicações, a partir da relação entre perfil de formação e área, revela um cenário mais diverso, conforme destacam os tons de verde: as Agrárias mostram que a formação em instituições privadas é uma característica associada à produtividade dos docentes, uma vez que os perfis de formação que mais se destacaram foram “privada”, “estrangeira-privada” e “pública-privada”; já Saúde chama a atenção para as instituições estrangeiras, o que pode ser observado igualmente nas Sociais Aplicadas (com um destaque para o perfil de formação “pública”); para Biológicas e Exatas e da Terra o perfil “estrangeira-pública” prevalece, seguido de “estrangeira-privada”; entre as Engenharias as médias destoam positivamente em relação às demais áreas, principalmente quando a formação se deu no exterior, com destaque para o perfil “estrangeira-privada” (que também é destaque para Multidisciplinar, Humanas e Linguística, Letras e Artes).

Quando se observa a distribuição dos docentes por UF, pode-se notar na Tabela 2, que São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Minas Gerais e Paraná, respondem por 86,0% dos docentes. As regiões sudeste e sul concentram, respectivamente, 49,7% e 37,3 dos docentes dos PPGs de universidades privadas. Ao comparar esses resultados com a distribuição dos doutores presentes na Plataforma Lattes (DIGIAMPIETRI et al., 2019), notamos uma concentração ainda maior no sudeste (54,3%), porém significativamente menor na região sul (18,6%), denotando que os PPGs de universidades privadas estão bem estabelecidos no sul do país. Chama atenção o Rio Grande do Sul, que considerando toda a Plataforma Lattes, tinha aproximadamente um terço (8,4%) do total de doutores, em relação ao observado na Tabela 2. Merece atenção o fato de que nos resultados de Digiampietri e demais autores (2019) a área de Sociais Aplicadas é a que alcança maior percentual para o Rio Grande do Sul, em relação ao Brasil, explicando assim que essa concentração resulta também da representatividade temática. Apesar de Digiampietri e demais autores (2019) haverem coletado os dados em 2013, o fato de terem reunido os currículos de cerca de 185 mil doutores oferece um cenário ainda representativo da comunidade científica brasileira. Além disso, a consideração de todos os doutores engloba também os potenciais candidatos a ocupar postos em novos PPGs, que têm surgido nas universidades privadas.

Tabela 2 - Média do número total de publicações por docente, segundo perfil de formação e UF do PPG, e número total de docentes por UF

Perfil de formação	Estrangeira			Pública		Privada	Total	Número de docentes
	Privada	Pública	Estrangeira	Privada	Pública	Privada		
Unidade da Federação	Média do número total de publicações							
Amazonas					35,5		35,5	6
Bahia	84,0	88,8	77,9	56,6	68,2	61,8	69,1	91
Ceará	46,4	118,6	267,0	73,3	118,1	143,2	113,5	131
Distrito Federal	107,7	101,3	100,9	150,0	82,3	71,4	92,8	87
Espírito Santo		42,5	41,3	64,5	65,2	33,3	60,8	49
Goiás	74,3	48,0	121,3	58,6	59,8	69,8	62,9	115
Mato Grosso		155,0	77,0	52,4	73,8	163,0	76,9	69
Mato Grosso do Sul	161,3	68,4	129,7	83,0	108,6	116,3	107,3	84
Minas Gerais	71,3	84,8	112,3	76,5	74,6	88,5	78,1	452
Pará		112,0	167,0	59,0	66,7	36,8	67,4	44
Paraná	105,3	120,0	110,1	95,3	102,0	109,8	103,7	338
Pernambuco	44,0	56,7	44,9	79,6	114,2	74,8	92,7	79
Rio de Janeiro	139,2	125,8	76,4	73,2	85,4	86,0	93,0	729
Rio Grande do Norte		76,7	79,0		81,9	163,4	87,8	63
Rio Grande do Sul	130,2	130,5	155,2	117,5	113,0	98,6	114,4	1.461
Santa Catarina	92,3	103,3	106,2	106,2	89,2	81,9	92,3	546
São Paulo	112,4	119,6	147,3	91,5	93,5	93,2	95,6	1.906
Sergipe		101,5		151,9	145,7	63,3	138,0	60

Legenda: escala de verde nas células considera tom mais escuro para as menores médias de publicação (exceto para o Amazonas, cuja magnitude alteraria muito a escala).

Fonte: elaborado pelas autores.

Ainda no que concerne à distribuição de docentes por UF verifica-se que a maior presença de estrangeiros, é observada no Rio de Janeiro e Sergipe (entre 8 e 9%), seguidos do Distrito Federal, Bahia e Espírito Santo (entre 4% e 6%). Já a média de produção de cada UF destaca Sergipe com a maior produção, seguido de Rio Grande do Sul, Ceará, Mato Grosso do Sul e Paraná. Como se pode notar, UFs com menor número de docentes acabam se destacando na média de produção dos docentes.

Finalmente, analisando a média de publicações a partir da relação entre perfil de formação e distribuição geográfica destacam-se: UFs com maior média de publicações de docentes com formação exclusiva em instituições estrangeiras, com liderança do Ceará, seguido do Pará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Goiás, Minas Gerais e Santa Catarina; outro perfil que se destaca entre diversas UFs é “pública-privada”, tendo Sergipe e Distrito Federal as maiores médias, seguidos de Santa Catarina; o perfil “estrangeira-privada” é destaque para o Mato Grosso do Sul e Rio de Janeiro, ao mesmo tempo que é perfil ausente em várias UFs (Amazonas, Espírito Santo, Mato Grosso, Pará, Rio Grande do Norte e Sergipe); Já a formação exclusiva em instituições públicas é destaque para Pernambuco, Espírito Santo e Amazonas, sendo Sergipe o estado com a maior média; e Rio Grande do Norte e Mato Grosso onde a formação exclusiva nas particulares se destaca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, muito se tem discutido sobre o papel da universidade pública no Brasil e pouco se analisa o perfil de formação e a contribuição dos doutores que atuam nas universidades privadas. O presente estudo se concentrou no nível de produtividade dos doutores do corpo docente permanente dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) das universidades privadas.

Pôde-se perceber diferenças em relação a outros estudos, que tratam do cenário completo dos doutores brasileiros. A região sul, e principalmente o Rio Grande do Sul evidenciaram maior concentração de docentes quando se observam as universidades privadas. Entre as áreas, as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, assim como a área Multidisciplinar, se destacaram sobremaneira.

No que se refere à produtividade, analisada por meio das publicações, o perfil de docente com formação exclusiva em instituições estrangeiras é melhor distribuída, não mostrou a marcada centralidade nas regiões sudeste e sul, é liderada por Ceará, seguido do Pará e Rio Grande do Sul. O perfil “pública-privada” apresenta as maiores médias de publicação em Sergipe e Distrito Federal; o perfil “estrangeira-privada” que é destaque para o Mato Grosso do Sul e Rio de Janeiro é ausente em várias UFs. A formação exclusiva em instituições públicas é destaque em produtividade para Sergipe e Pernambuco; Já o perfil de formação exclusiva nas privadas é para Rio Grande do Norte e Mato Grosso o perfil que mais contribuiu para sua média de publicações.

Os dados mostraram um cenário muito diverso e revelaram não apenas as já conhecidas assimetrias regionais em magnitude (número de docentes por UFs e áreas temáticas), mas também algumas características da produtividade, em relação ao perfil de formação corpo docente das universidades privadas, considerando a diversidade as áreas do conhecimento e a localização.

Novos estudos poderão ser desenvolvidos buscando contextualizar as relações observadas aqui, considerando o cruzamento entre as variáveis área e UF, para se identificar mais especificidades das diferentes regiões.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO FILHO, T. Repensando o ensino superior privado no Brasil. *Portal Desafios da Educação*, Brasília, DF, 22 ago. 2018. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/repensando-o-ensino-superior-privado/>. Acesso em: 23 fev. 2020.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICO (Brasil). *Mestres e doutores 2015*. Estudos da demografia da base técnico científica brasileira. Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2016. Disponível em: <http://encurtador.com.br/pzBI5>. Acesso em: 10 jun. 2020

DIGIAMPIETRI, L.; MUGNAINI, R.; TRUCOLO, C. A. et al. Geographic and disciplinary distribution of the brazilian's phd community. *Brazilian Journal of Information Science*, Marília, v. 13, n. 4, p. 113-131, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/127183>. Acesso em: 10 jun. 2020.

DINIZ, R. V.; GOERGEN, P. L. Educação Superior no Brasil: panorama da contemporaneidade. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 573- 593, 2019.

DURHAM, E. R. *O ensino superior no Brasil: público e privado*. São Paulo: NUPES: EdUSP, 2003.

INEP. *Notas estatísticas: censo da educação superior 2018*. Brasília, DF: Inep, 2019. Disponível em: <http://encurtador.com.br/djrGY>. Acesso em: 6 fev. 2020.

KNOBEL, M.; VERHINE, R. Brazil's For-Profit Higher Education Dilemma. *International Higher Education*, New York, v. 89, p. 23-24, 2017. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/9843>. Acesso em: 4 fev. 2020.

SAMPAIO, H. O setor privado de ensino superior no Brasil: continuidades e transformações. *Revista Ensino Superior UNICAMP*, Campinas, ano 2, n. 4, p. 28-43, 2011.

SGUISSARDI, Valdemar. Educação superior no Brasil: democratização ou massificação mercantil? *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 36, n. 133, p. 867-889, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v36n133/1678-4626-es-36-133-00867.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2020.

